

de Adyar] C. Jinarajadasa, que a ouviu da sra. Francesca Arundale. Foi publicada na edição especial de *The Theosophist* de agosto de 1931, o número do Centenário de HPB.

Quando HPB estava vivendo na casa da srta. Arundale e de sua mãe, em 1884, ela quis ter um anel de sinete feito de acordo com um desenho definido por ela mesma, e a srta. Arundale encomendou a feitura do anel. Era de uma pedra ágata verde escura, quase preta [2], tendo gravado o duplo triângulo do símbolo do [movimento] teosófico e a palavra *sat* escrita no alfabeto Devanagari. *Sat* significa “Verdade” em sânscrito. Ao mesmo tempo, com autorização de HPB, a srta. Arundale mandou fazer um anel semelhante para si mesma. Mas havia uma diferença: o carimbo de HPB estava num pesado anel de ouro, colocado sobre uma estrutura oval com uma dobradiça e uma tampa cobrindo um medalhão, logo abaixo.

A cópia deste anel, feita para a srta. Arundale, era mais leve e não tinha a tampa giratória nem o medalhão. Jinarajadasa diz que HPB usou o seu anel desde 1884 até o dia da sua morte, depois do qual ele passou, de acordo com a sua vontade, para Annie Besant. A dra. Besant sempre usava o anel, no dedo indicador da mão direita.

A sra. Arundale, também, usava sempre o seu anel, e quando ela morreu, segundo nos contaram, ela o passou para o seu sobrinho G.S. Arundale [3], que o entregou como presente para os Arquivos da Escola Esotérica. Foi este o anel que o Irmão Jinarajadasa colocou no dedo de N. Sri Ram na sessão inaugural depois que este foi eleito Presidente. Muitos membros conhecem a fotografia que registrou a ocasião. O anel passou depois para John Coats quando ele se tornou presidente [*da Sociedade Teosófica de Adyar*] e está agora comigo. Seria mais correto, portanto, referir-se a ele como anel presidencial, ao invés de “anel de HPB”.

Quando Annie Besant morreu, George Arundale, que era o seu legatário e se tornou presidente da ST, adquiriu o anel de HPB. Com a morte dele, [*sua esposa*] Rukmini Devi ficou de posse de todos os seus bens e documentos, e não se sabe o que aconteceu com o anel de HPB, nem quem ficou com ele após a morte de Rukmini Devi.

Estranhamente, os dois anéis especialmente associados a HPB desapareceram do acervo histórico da Sociedade Teosófica [de Adyar].

A origem do outro anel, “o Anel da Rosa”, é descrita pelo coronel Olcott em seu diário *Old Diary Leaves* [TPH, *Primeira Série*, pp. 93-97, e, em português, “*Raízes do Oculto*”, Ed. Ibrasa, SP, 1983, pp. 72-77], e vamos resumir aqui o seu relato. Depois de uma visita à sra. Mary Baker Thayer, de Boston, conhecida como “a médium das flores” porque em sua presença choviam flores, o coronel Olcott passou a HPB uma bonita rosa, semiaberta, mandada pela sra. Thayer “como um presente dos espíritos”. Quando HPB segurou a rosa em sua mão e aspirou o seu perfume, ela tinha aquele olhar distante associado com fenômenos ocultos. Neste momento, o dono da casa, sr. Charles Houghton, um advogado, entrou e pediu para olhar a rosa. Quando HPB passou a ele a rosa, ele subitamente disse, “Como ela é pesada! Nunca vi uma flor como esta. Veja, o seu peso faz com que ela se incline na direção do caule!” Quando ele deu a flor a Olcott para que a visse, HPB exclamou:

“Tenha cuidado, não o quebre!”

Um ponto de luz apareceu no centro da rosa e saltou dela um pesado, completo, anel de ouro. A rosa imediatamente endireitou-se. Uma noite, um ano e meio mais tarde, a srta. W.H. Mitchell, irmã de Olcott, veio fazer uma visita e quis ver o anel. Depois de olhar para ele, ela esticou o braço com ele na palma da mão, para devolvê-lo a HPB. Em vez de pegar o anel,

H.P. Blavatsky fechou brevemente os dedos da srta. Mitchell em torno do anel. Ao abrir a mão, a srta. Mitchell e todos os presentes viram que três pequenos diamantes, formando um triângulo, estavam agora no que antes era um anel de ouro simples. Este anel perdeu-se em torno de 1979. [4]

No dia 12 de outubro de 1979 foi informado em uma reunião do Comitê Executivo presidida pelo sr. John Coats, presidente da Sociedade Teosófica [de Adyar]:

“Dois itens foram roubados do armário na Sala da dra. Annie Besant, usado para guardar alguns objetos históricos associados com a Sra. Blavatsky. Dois ou três anos antes, a Medalha Subba Row, dada à sra. Blavatsky, havia desaparecido. Cerca de duas semanas antes da reunião do Comitê Executivo, foi descoberto que o Anel da Rosa havia desaparecido também. Como o armário não era aberto havia mais de um ano, não se sabia exatamente quando o anel foi tirado. A questão havia sido levada à polícia, e uma investigação estava sendo feita. Desde então, todos os outros itens daquele armário foram colocados em um armário Godrej (de aço) fixo na parede, no Departamento de Arquivos.”

Na ata de uma reunião posterior do Comitê executivo, realizada em 20 de novembro de 1979 e dirigida também pelo presidente John Coats, foi relatado:

“... A polícia está examinando os arquivos de casas de leilão, em busca de informação sobre o Anel da Rosa. O Gerente Geral deve confirmar que uma fotografia do anel foi publicada no boletim da polícia. Um fac-símile da Medalha Subba Row, que havia sido oferecida a HPB, será feito na sede da ST na América do Norte, em Wheaton, onde são guardadas várias medalhas em branco, e o fac-símile será trazido para Adyar.”

Aparentemente o destino não quis que a Sociedade mantivesse nenhum destes objetos especiais [5], nem o anel de HPB com uma tampa cobrindo um medalhão.

NOTAS DE “O TEOSOFISTA” EM 2024:

[1] Usado há milhares de anos por reis e líderes espirituais, o anel de sinete é um símbolo da posição de poder daquele que o possui, e, além de ser usado em um dedo, funciona como pequeno carimbo para lacrar envelopes com mensagens escritas, usando uma cera vermelha especial (o lacre). (CCA)

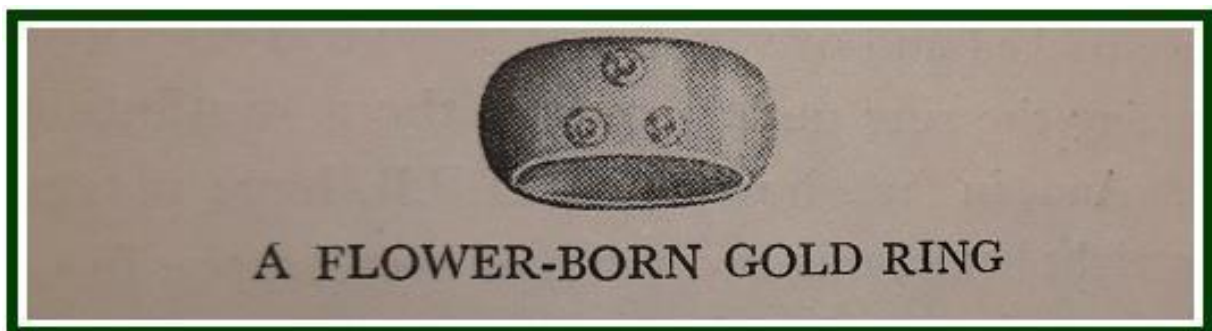
[2] Estas são algumas fatias de pedras ágata verde, semelhantes às que pertencem às bibliotecas da Loja Independente de Teosofistas:



As pedras ágata têm várias propriedades ocultas, e afirma-se que protegem as *peessoas honestas* que as possuem. Em **Ísis Sem Véu** (Ed. Pensamento, volume IV, pp. 216-217), HPB revela que ela tinha consigo um talismã que “era uma simples ágata ou cornalina”. Um dos nomes históricos da cornalina é precisamente “ágata carneola”, e outro nome histórico é apenas *carneola*. O talismã tinha um triângulo gravado nele, dentro do qual estavam gravadas algumas palavras místicas. Ver o talismã foi o suficiente para alguns místicos notáveis decidirem imediatamente que ajudariam HPB em qualquer coisa que ela precisasse. Cabe registrar, no entanto, que o talismã de “ágata ou cornalina” não era o anel de ágata verde, cujo histórico é abordado por Radha Burnier no presente texto. (CCA)

[3] George S. Arundale foi eleito e assumiu a presidência internacional da Sociedade de Adyar em 1934. (CCA)

[4] Esta é a foto do “anel da flor”:



Foi publicada por H.S. Olcott na p. 96 de “Old Diary Leaves” (TPH), primeira série. (CCA)

[5] A frase final do artigo é reveladora. Estes roubos de objetos sagrados na sede internacional da Sociedade de Adyar tiraram mais ainda, daquele local, *o sentimento do sagrado e a confiança mútua* que são necessários para um trabalho teosófico verdadeiro. Neste, como em outros assuntos, Radha Burnier foi franca e honesta. A palavra SAT, VERDADE, gravada no anel de HPB, está lá por uma forte razão. Se trata de um compromisso inevitável. E não se refere apenas à verdade absoluta universal. Afirma a necessidade de absoluta sinceridade e boa vontade em todas as coisas, na vida teosófica. O distanciamento entre a Ética e Adyar começou durante a vida de HPB. A sra. Blavatsky foi forçada a abandonar Adyar durante a década de 1880 e teve de recomeçar o seu trabalho a partir da Inglaterra. Desde 1891, a distância entre a verdadeira teosofia e a Sociedade de Adyar tem sido sempre bastante grande, com algumas exceções aqui e ali. No seu artigo “[Por Que Não Volto à Índia](#)”, Blavatsky admitiu: “... *E tampouco posso - se eu quiser ser fiel ao meu compromisso e aos meus votos de vida inteira - viver na Sede Geral da qual os Mestres e o espírito Deles foram virtualmente banidos. A presença dos Seus retratos não ajudará. Eles são letra morta.*” HPB sabia que a Lei do Carma não pode ser cancelada jamais. Cada erro é completamente corrigido, e compensado, no seu devido tempo. (CCA)

000

O artigo acima foi traduzido da revista “**The Theosophist**”, Adyar, Índia, edição de junho de 2001, pp. 368-369. Faz parte da seção editorial intitulado “**On the Watch-Tower**”. Notas explicativas foram acrescentadas. Foi publicado também, com notas, na edição de fevereiro de 2024 de “[The Aquarian Theosophist](#)”. A tradução ao português é de CCA.

Nascida em 1923, **Radha Burnier** presidiu a Sociedade Teosófica de Adyar durante 33 anos, desde 1980 até 2013.

Mais informação sobre os anéis de HPB pode ser encontrada no livro “**The Judge Case**”, de Ernest E. Pelletier, Edmonton Theosophical Society, Canadá, 2004, Parte I, p. 323 (a influência oculta do anel de ágata ajuda William Judge), e Parte II, pp. 115 até 119.

Henry Cornelius Agrippa discute o assunto dos anéis mágicos na obra “**Three Books of Occult Philosophy**”, Kessinger Publishing Co., EUA, 288 pp., capítulo XLVII, pp. 141-143.

000

Leia mais:

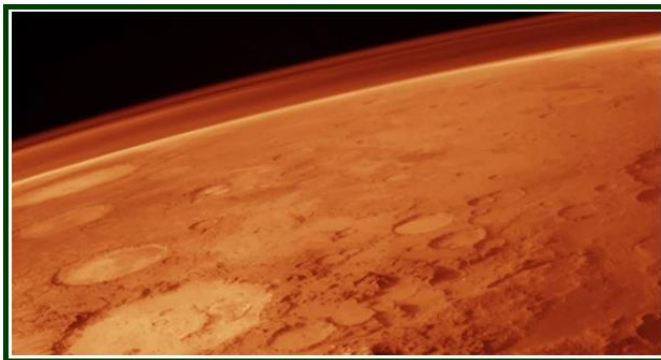


* [Por Que Não Volto à Índia](#), (o texto de HPB).

* [A Fraude da Escola Esotérica](#).

* [Leadbeater Diz Que Matou Brasileiros](#).

* [Besant Anuncia Que é Mahatma](#).



* [Bispo Católico Visita Plantações em Marte](#) (Viagens Espaciais de um Sacerdote Desorientado).

000

Pensar - Desenvolva o Seu Espírito Crítico

Graças ao Raciocínio Correto, a Sua Atividade Será Mais Lúcida e Eficiente

Jean des Vignes Rouges



Você sabe pensar corretamente, isto é, com lógica?

Você considera que esta pergunta é uma falta de respeito. No entanto, agora há pouco, você disse: “Fulano é um imbecil!” Este seu julgamento foi baseado em um estudo aprofundado da psicologia do “Fulano”? Claro que não! Aquele homem se permitiu ter uma opinião diferente da sua, ou o seu cabelo ruivo e o seu nariz torto desagradaram você, e isso foi o suficiente para desencadear a sua avaliação maldosa!

Será que isso é pensar corretamente? Evidentemente não.

Em outro momento, porque lhe disseram que um certo fato havia acabado de acontecer, você afirmou com veemência a realidade do acontecimento; depois, descobriu-se que não passava de uma mentira. Esta foi conduta de um homem razoável?

Vi você agir e pensar por pura imitação dos outros. Pelo fato de que os seus pais, as autoridades, “pessoas muito boas” ou os vizinhos agiam e pensavam de determinada maneira, você se conformava com a opinião geral.

Quantas vezes, depois de ler um só livro, um só jornal, sobre uma questão social, econômica, moral, você não declarou peremptoriamente: “Esta é a verdade!”

Em determinada situação, você adotou uma atitude feroz com grande convicção porque, segundo disse, era “uma questão de princípio”. Ora, este princípio era na verdade simplesmente um preconceito e uma ideia pronta sobre a qual nunca você tinha refletido.

E não preciso falar dos casos em que, por preguiça, por negligência ou indiferença, você se absteve de pensar corretamente. São tão numerosos!

Será necessário lembrar também das inúmeras situações em que uma determinada ideia ou possibilidade de ação lhe pareceu contrária aos seus interesses? Você então rejeitou a ideia como absurda, sem examiná-la mais profundamente, qualificando-a ainda como imoral, ridícula ou contrária à honra da pátria.

Não conheço a sua vida íntima, por isso posso dizer, sem ferir a sua sensibilidade, que há quem ame uma mulher feia, estúpida e perversa e fica extasiado diante da beleza, da inteligência e da gentileza daquela que o cega. E nenhum homem pode ter a pretensão de que não é esse indivíduo.

Esta lista não pretende humilhá-lo, mas visa simplesmente fazê-lo compreender que, como todos os homens, você pensa que está usando a sua inteligência para perceber a verdade, quando, na realidade, são os seus hábitos, seus preconceitos, as suas simpatias, os seus ódios e seus apegos que se expressam sem qualquer preocupação com a lógica, e às vezes sem qualquer bom senso.

Isto traz alguns inconvenientes para você que deseja ter uma vontade forte, uma vontade inteligente, capaz de levá-lo ao sucesso; porque quem age raciocinando erradamente, ou deixando-se enganar pelos seus sentimentos, não entra em contato com a realidade, nem com a verdade; ele se movimenta num mundo de ficção e erro; ele mente para si mesmo, assim como mente para os outros; ele é um “caçador de borboletas”. Em suma, a sua vontade não pode ser eficiente.

Você deve treinar-se, portanto, para pensar corretamente, ou seja, para poder registrar os fatos tal como eles são e examiná-los sem preconceitos, submetendo-os a críticas agudas, sabendo interpretá-los com inteligência, tirando conclusões por meio de raciocínios cujo rigor lógico você verificou, e buscando provas claras, nítidas e convincentes das suas hipóteses. Deve recusar-se a se deixar levar por impressões e opiniões inspiradas pela paixão. Precisa rejeitar as teorias vagas e confusas, clarificar as suas decisões através de um conhecimento amplo, de um espírito sutil capaz de enxergar as nuances, e finalmente deve ter a coragem de reconhecer os seus erros.

Parece fácil seguir este programa. Na realidade, ele é um convite ao atletismo espiritual. De fato, a prática de todas estas operações intelectuais supõe que já tenhamos superado a formidável barreira representada pela crença espontânea de que estamos na posse da verdade.

Veja quantas vezes - por fraqueza, por vaidade, preguiça, autoestima, ou ciúme, por necessidade de impressionar o público ou de enfurecer a sua sogra - você adota esta ou aquela opinião, ideia, atitude, e fica absolutamente convencido de “estar certo”. Levado pelo sentimento, ou pelo automatismo do seu pensamento, você proclama a sua boa-fé e o rigor absoluto das suas argumentações. Veja mais provas deste fenômeno nas opiniões expressas por um proprietário de imóvel e seu inquilino relativamente a uma lei de alugueis. Examine com que sinceridade cada um deles descreve a lei como uma “negação da justiça”, ou como “um ato de elevada sabedoria”, dependendo de se ela prejudica ou beneficia os seus interesses materiais.

Você compreende, deste modo, por que motivo é necessária às vezes uma extraordinária reserva de imparcialidade para julgar de modo correto e razoável: o processo pode questionar as mais sólidas certezas.

Você já ouviu algumas vezes - não é mesmo? - um perfeito imbecil falando asneiras com um orgulho presunçoso que lhe pareceu cômico ou irritante, conforme o caso. “Como é possível”, pensou você, “que alguém engane a si mesmo desta maneira?”

Você tem uma profunda certeza de que sempre terá, em relação a si mesmo, mais discernimento do que esse indivíduo?

A Coragem de Fazer Algumas Perguntas

Para se acostumar a pensar corretamente sobre “o verdadeiro” e “a realidade”, tenha a coragem - ou talvez o heroísmo - de se fazer de vez em quando perguntas como estas:

Acabei de renunciar a um empreendimento, a uma competição para alcançar um emprego, por uma questão de “gentileza de alma”, segundo eu disse. Não houve também timidez ou preguiça na minha desistência?

Creio que estou expressando a minha tenacidade ao continuar este projeto que depende do puro acaso. Isso não será prova de uma teimosia absurda?

Tive muito sucesso em determinada questão. Foi um prazer enorme. Sinto-me orgulhoso, considero-me um “sujeito bastante forte”, dotado de um discernimento a toda prova. Será que esta crença não me empurrará para uma aventura que terminará mal?

Durante uma competição, meu adversário fugiu de mim por covardia. Devo concluir disso que a minha coragem é inabalável?

Aquilo que eu considero em mim mesmo como “um nobre orgulho”, e “uma dignidade orgulhosa” não se assemelha, por acaso, à arrogância estúpida ou à vaidade estúpida que observo nos outros?

Acabo de passar por uma derrota, e expliquei-a aos outros e a mim mesmo alegando todo tipo de razões que tornam a situação mais fácil para a minha autoestima. “Arrumei” um pouco os fatos, atribuí a mim mesmo o bom papel, mencionei “inimigos amargos” e a “sorte contrária”. Será que essas explicações são consistentes com a realidade? Talvez seja melhor eu procurar as verdadeiras causas do meu fracasso. Eu aprenderia, com isso, uma lição valiosa.

Finalmente, em outras circunstâncias, force-se a pensar:

“Neste momento, estou-me deixando levar pela covardia, pela preguiça, e evito fazer um esforço para pensar. Estou errado, tenho que reagir!” Ou repita estas palavras: “Neste instante estou tomado pela raiva, pelo ódio, pela ambição, pela indignação, pelo amor, ou pelo medo; este estado mental não me permite discernir a verdade. Devo dominar esses sentimentos agitados para ajustar minhas ações à realidade, e não às ficções que o meu cérebro produz.”

Pensar corretamente, portanto, é ter força e coragem para superar a si mesmo.

“E também é uma espécie de suicídio”, diz você, tristemente. Exato! O exercício da razão inclui a obrigação de limitar uma parte da sua personalidade. Devemos sacrificar e esmagar com dúvidas e suspeitas, boa quantidade de sentimentos que seria agradável deixar em liberdade.

O Preço a Pagar Pela Vitória

Mas a conquista da verdade é obtida pagando este preço. Você tem que pagar por ela. Em compensação, você será capaz de compreender a realidade com mais força, e de lidar com ela de forma eficaz. Graças ao pensamento correto, você escapará dos erros e dos perigos aos quais os impulsos descontrolados, ou as rotinas paralisantes, o empurrariam. Você dominará até seus instintos e seus apetites. Assim a sua atividade, melhor esclarecida, será mais produtiva.

Porém, chegando ao fim desta análise, encontro de novo uma verdade que domina todas as outras: a necessidade de evitar os excessos, de respeitar o equilíbrio vital. Por isso apresso-me a acrescentar: a preocupação de pensar corretamente não deve se transformar em uma preocupação ansiosa em relação ao que é a verdade. A dúvida prévia e o pensamento crítico, quando se tornam uma mania, matam toda iniciativa. Devemos ter dúvidas para agir melhor, e não pelo prazer de analisar a nós próprios.

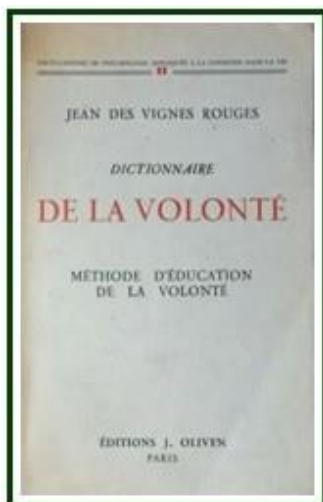
As perguntas que você se coloca, para tornar mais eficiente o seu instrumento mental de investigação e de raciocínio, devem visar, portanto, sobretudo as relações entre as coisas e os homens. O objetivo é compreender estas relações e não criar obstáculos artificiais à sua ação.

Porque devemos reconhecer a importância daquilo que os filósofos chamam de “mentiras vitais”. Nenhum homem pode viver sem alimentar em si mesmo esperanças que, na verdade, são inverificáveis. Elas são geradas pelas exigências da nossa natureza. Elas representam nossas maneiras de sentir, nossas necessidades profundas, a nossa personalidade. A razão e o pensamento crítico devem guiar estas forças, mas é preciso cuidado para não destruí-las.

000

Jean des Vignes Rouges é o pseudônimo literário do militar e escritor francês **Jean Taboureaux** (1879-1970).

000



O artigo “**Pensar - Desenvolva o Seu Espírito Crítico**” foi traduzido do livro “**Dictionnaire de la Volonté**”, de Jean des Vignes Rouges, Éditions J. Oliven, Paris, 319 pp., 1945, pp. 76-79. A tradução é de Carlos Cardoso Aveline. Veja o texto original em francês: “[Penser - Développez Votre Esprit Critique](#)”.

000

Leia mais:



- * [Uma Oração da Paz.](#)
- * [A Energia da Vontade.](#)
- * [O Caderno da Vontade.](#)
- * [A Atitude da Alma Diante o Corpo.](#)
- * [Como Renovar a Consciência.](#)
- * [Clique aqui para ver outros escritos de Jean des Vignes Rouges.](#)
- * Examine a seção temática [Autodisciplina e Concentração: Para Fortalecer a Vontade Espiritual.](#)

000

Ligue a Luz da Atenção



Deixe de lado a atmosfera mesquinha fabricada por egoísmos infantis em luta. **Amplie** o seu horizonte para além das ações cegas.

Use a **teosofia clássica** como uma lâmpada, e olhe para sua vida diária à luz da alma imortal.

É possível construir lentamente uma Escada de Jacó, uma ponte viva entre o humano e o sagrado em sua existência diária.

Ingresso gratuitamente no grupo **SerAtento** em Google Groups:
<https://groups.google.com/g/seratento>

Mude sua vida para melhor. Fazendo parte do [SerAtento](https://groups.google.com/g/seratento), você está em contato com a teosofia todos os dias:

<https://groups.google.com/g/seratento>

A Glória e a Grandeza

Diálogo Entre Mestre e Discípulo



Um jovem de onze anos de idade caminha com seu pai por uma grande praça urbana com área de quatro hectares. Apesar do parentesco, os dois são mestre e discípulo. O lugar tem mais do que árvores e caminhos. Tartarugas e peixes de vários tamanhos e cores animam um lago extenso com meio metro de fundura. Não há perigo para crianças. É um local apreciado pelo povo da cidade pequena e pacífica.

Os caminhantes aproximam-se de uma estátua, feita para celebrar a vida de um personagem famoso do passado. O menino admira a obra de arte e pensa alto. Dirige-se tanto a si mesmo quanto a seu pai, ao dizer:

“Um dia vou lutar pelo bem de todos, como este personagem”.

E o mestre-pai responde:

“Esta decisão é importante. Sei que estarás à altura dela. Na verdade, a glória e a grandeza são duas coisas bem diferentes. Muitos querem a glória, e poucos buscam a grandeza. Porque a grandeza é anônima”.

“Como assim?”

Falando para a alma do menino, que reunia em si idades passadas e futuras, o instrutor explicou:

“A glória é visível, porque é externa, mas a grandeza nem sempre se mostra. A glória é um efeito passageiro, uma ilusão de ótica. A grandeza é real. Mas só quem está consciente da grandeza dentro de si mesmo - que nada tem a ver necessariamente com glória - pode enxergar a grandeza nos outros.”

Retomaram a caminhada. Passaram em silêncio por uma pequena ponte sobre as águas. No lago, o centro das atenções eram os pássaros e as tartarugas. Mas a cena era habitual, porque moravam ali perto. O mestre prosseguiu:

“A glória com frequência existe sem grandeza de alma; e a grandeza, porque é interior, raramente leva a alguma glória no mundo.”

Fez uma pausa. Um carro buzinou ao longe, e ele disse:

“A glória precisa de grandeza, ou pelo menos da sua aparência, mas a grandeza não precisa de coisa alguma. É completa em si. A glória serve em muitos casos para mostrar a todos nós que *existe uma verdadeira grandeza*, sim, e que a real grandeza é uma qualidade da alma imortal. Aquele nível de alma que não morre é nosso *eu interior*. Não nasce, não cresce, não envelhece, e não perde a vida. Ilumina tudo, sempre, e aprende: aprende sem parar e sem fazer barulho.”

Uma tartaruga mantinha o pescoço erguido no meio das águas, o olhar fixo num ponto neutro da atmosfera acima dela. Estava rodeada pelo ar puro e pelo ruído agradável do vento nas folhas das árvores. Avançavam em silêncio. Caminhando no sentido oposto, um senhor já idoso cumprimentou-os ao passar. Seus movimentos eram ágeis. Via-se que apesar da idade tinha força e saúde. O olhar, calmo, alerta, transmitia uma sensação de vitória.

Caminharam uns metros, distanciando-se. O mestre falou com voz baixa:

“Eu, tu e aquele senhor somos de três gerações diferentes. Tu estás no começo, eu na metade. Ele, como se fosse teu avô, vai não muito longe do fim da caminhada. O final é o ponto mais alto, é o topo da montanha de onde se vê o conjunto da paisagem ao redor. Se aquele senhor é alguém justo e sábio, ele possui a verdadeira grandeza. Neste caso, no entanto, poucas pessoas sabem disso.”

“Mas todos deveriam saber.”

“O caminho dos sábios é anônimo. Ninguém tira fotos da alma. O espírito universal existe num plano abstrato, e é exatamente por isso que os tolos mais teimosos negam a sua existência e riem, às gargalhadas, da sabedoria e da ética. O verdadeiro ser, em nós, vive em silêncio. Funciona como uma luz. O fogo que gera a luz não necessita de combustível, não gera fumaça, não faz barulho. Tampouco chama atenção e não é percebido, mas ilumina o mundo imperceptivelmente. Manda a luz em todas as direções, iluminando o belo e o feio desde o ponto mais elevado da alma, que é também o verdadeiro topo da montanha para todo viajante.”

E arrematou:

“O *Tao Teh Ching* chinês ensina: ‘*Quem sabe não fala, quem fala não sabe*’.” Segundo a tradição judaica, vivem anonimamente - espalhados pelo mundo - algumas poucas dezenas de grandes sábios, os *Tzadikim*. Mas ninguém os identifica como tais. Em teosofia, eles seriam chamados de *Iniciados*. Na tradição hindu, os deuses com frequência se disfarçam como mendigos ou como gente pobre do povo, para que ninguém os reconheça.

E fez silêncio. Mas o diálogo prosseguiu impessoalmente, sem palavras.

O discípulo incorporou a conversa, transformando-a em parte da sua natureza individual. Alguma coisa nele havia compreendido e arquivado na memória a *energia* daquelas palavras, para uso em décadas futuras. A uma distância média, o discípulo identificou o carrinho do pipoqueiro. Em casa, onde a mãe e os irmãos esperavam, o jantar já estaria no fogo a esta hora. Mas houve consenso: havia tempo para observar a alquimia do milho.

O processo alquímico é uma herança do passado distante. Através dele, devido à magia cientificamente calculada do forno do laboratório, cada grão se transmuta em uma explosão inenarrável, adquirindo a forma branca e mística da pipoca salgada. Levariam para a mãe e os irmãos pipocas suficientes. O diálogo continuaria. Ecos da conversa alcançariam ciclos futuros.

000

Leia mais:



* [A Família de um Teosofista.](#)



* [Uma Relação de Aprendizado.](#)

* [Textos Sobre a Teosofia na Família.](#)

000

Ideias ao Longo do Caminho

Um Estado de Espírito Correto Produz Boa Saúde Para o Corpo

[Imagem reproduzida do livro “HPB”, de Sylvia Cranston., p. 196]



Um desenho contemporâneo: HPB e seus amigos na sala de jantar da Lamaseria

* Sylvia Cranston afirma que de junho de 1876 em diante a casa de Helena Blavatsky em Nova Iorque era na realidade também a sede do movimento teosófico. Chamado informalmente de “Lamaseria”, este lugar e a sua atmosfera especial foram descritos por um jornalista e membro do movimento teosófico. Uma grande bola de cristal ocupava um lugar estratégico em uma das salas:

* “Havia ali um ambiente de calma reflexão semelhante ao sugerido pela pequena esfinge junto à lareira, na misteriosa Sala Egípcia. Além dos divãs sobre os quais se reclinavam os presentes, havia poucos móveis na sala, mas uma enorme bola de cristal estava suspensa no centro por um cordão invisível. Do interior deste globo brilhavam estranhas imagens de desertos e pirâmides e coisas fixadas lá de algum jeito inteligente que, até onde o repórter sabe, pode ter sido mágico. As paredes estavam no escuro, mas a bola era luminosa e enchia a sala com uma espécie de penumbra clara.” [1]

* Bolas de cristal não são objetos comuns. A substância física de qualquer cristal tem características especiais. A edição de 1967 da **Encyclopaedia Britannica** admite: “Poucas

coisas na natureza são mais feitas que um cristal, porque nele um número imenso de átomos ou moléculas estão colocados em perfeito alinhamento. Raramente acontece que um átomo em cada mil está fora da linha. No entanto, surpreendentemente, muitas das propriedades mais importantes de um cristal surgem nos poucos lugares estranhos em que a estrutura do cristal fica errada. Muitos cristais não poderiam ter crescido de modo algum se não tivessem imperfeições. Na maior parte dos casos, as pedras preciosas devem as suas cores a imperfeições.”

Mente Sã em Corpo Sã

* Helena Blavatsky escreveu:

* “A imaginação é uma ajuda poderosa em cada acontecimento das nossas vidas. Ela atua com base na Fé e estes dois fatores são os desenhistas técnicos que preparam os esboços usados pela *Vontade* para fazer gravações, com profundidade maior ou menor, nas rochas ou nos obstáculos e oposições com que está repleto o caminho da vida. Diz Paracelso: *‘A fé deve confirmar a imaginação, porque a fé estabelece a vontade (...). Uma vontade firme é o início de todas as operações mágicas (...). É porque os homens não imaginam e não acreditam perfeitamente no resultado, que as artes (da magia) são incertas, embora possam ser perfeitamente certas.’* Nisto está todo o segredo. A metade, senão dois terços, das nossas doenças e enfermidades são fruto da nossa imaginação e dos nossos medos. Destrua os medos e dê outro rumo à imaginação, e a natureza fará o resto. Não há nada de pecaminoso ou prejudicial nestes métodos *em si*. Eles só se tornam prejudiciais quando a crença que o curador pela fé tem em seu próprio poder se torna demasiado arrogante, e quando ele pensa que pode eliminar aquelas doenças que na verdade necessitam, para que não sejam fatais, da ajuda imediata de cirurgiões e médicos experientes.” [2]

* No fragmento acima, HPB expressa um princípio fundamental adotado pelo curador norte-americano Phineas P. Quimby (1802-1866). Ela diz: “A metade, senão dois terços, das nossas doenças e enfermidades são fruto da nossa imaginação e dos nossos medos. Destrua os medos e dê outro rumo à imaginação, e a natureza fará o resto.”

* HPB não está sozinha ao fazer esta afirmação. Um Mestre de Sabedoria escreve algo semelhante na Carta 75 de “Cartas dos Mahatmas”:

* “Como Jean Paul Richter diz em algum lugar, a parte mais dolorosa da nossa dor física é aquela que é incorpórea ou imaterial, isto é, nossa impaciência, e a ilusão de que ela durará para sempre...”. (Volume I, p. 357)

* Doenças são expressões físicas de dificuldades estabelecidas inicialmente na alma e na mente. Este é um princípio básico dos escritos de Paul Carton e vários outros autores. Phineas P. Quimby define “doença” como simplesmente “um estado mental desorganizado”, e acrescenta que *a sua causa deve ser encontrada em nossas crenças*. [3]

Quanto Tempo Vive um Mestre?

* Em “Ísis Sem Véu”, Blavatsky escreve sobre a longevidade de Iniciados e de Não-Iniciados. Ela afirma:

* “... Como no caso da reencarnação dos lamas do Tibete, um adepto do nível mais elevado pode viver indefinidamente. Sua casca mortal se desgasta, apesar de alguns segredos alquímicos usados para prolongar o vigor juvenil muito além dos limites normais, no entanto o corpo raramente pode viver além dos dez ou doze conjuntos de vinte anos [200 ou 240

anos]. O velho envoltório chega então ao fim, e o Ego espiritual, forçado a abandoná-lo, escolhe como moradia um outro corpo, novo e cheio de energia vital saudável. Caso o leitor tenha vontade de ridicularizar esta afirmação sobre a prolongação possível da vida humana, recomendamos que procure as estatísticas de vários países. O autor de um lúcido artigo na *Westminster Review* de outubro de 1850 é responsável pela afirmação de que na Inglaterra havia os exemplos confirmados de um Thomas Jenkins, que morreu aos 169 anos de idade, e o do ‘Velho Parr’, aos 152; e de que, na Rússia, sabe-se que alguns dos camponeses ‘chegaram a 242 anos de idade’.[4] Há também casos de pessoas centenárias entre os nativos do Peru. Estamos conscientes de que muitos autores hábeis negam a veracidade destas informações sobre extrema longevidade, mas, apesar disso, afirmamos a nossa convicção de que estes são fatos verdadeiros.” (Veja “[Isis Unveiled, volume II](#)”, pp. 563-564.)

* Infelizmente, o trecho acima está mal traduzido na edição brasileira da Editora Pensamento, “*Ísis Sem Véu*”, volume IV, p. 184. O principal erro se refere aos *dez ou doze conjuntos de vinte anos*: a expressão original em inglês foi mal compreendida pelo tradutor.

Enxergando a Alma dos Textos

* Quando querem observar o esforço desenvolvido pelo movimento teosófico, os Mestres podem “ler” os textos e os livros *desde dentro*, sem necessidade de examinar as suas palavras concretamente. Qual é, para um Mestre, a maneira mais fácil de conhecer por completo um texto escrito por um discípulo leigo? Helena Blavatsky nos dá a resposta em uma das suas cartas a Alfred P. Sinnett. Referindo-se aos sr. William Crookes - o cientista do século 19 - HPB afirma:

** Tive contato com o Mestre e - os Mestres. Parece, tal como eu havia pensado desde o princípio, que [o sr. William Crookes] está no caminho oculto ortodoxo, em seu método geral. “Ninguém chegou mais perto do que ele da região laya”, segundo me dizem. O laya é o Nirvana de toda Substância orgânica (não existe Substância inorgânica); é o ponto zero ou ‘centro neutro’ em que cessa toda diferenciação. Mas quando eu pedi por algumas linhas escritas numa linguagem em que eu não sei escrever, usando termos e símbolos científicos (químicos?) para mostrar ao sr. Crookes que os Mestres estão (a) atentos e (b) que eles sabem do que o sr. Crookes estava falando ao usar as suas letras gregas e números e os H. & os N. & N.C. - o Mestre disse a mim muito friamente que seria bastante desagradável, para ele, mostrar sua ignorância!! Ele não sabe nada de termos químicos modernos, e o sr. Crookes não sabe coisa alguma dos termos alquímicos. Ele olhou na aura - (isso vai ser muito útil para o sr. Crookes!) e só descobriu na ‘aura do ensaio’ apenas dois desvios, e um pequeno ponto, metade de um ponto, que mostravam erro. Pedi a ele que me assinalasse o ponto errado e ele riu, e Eles desapareceram. [5]*

* No trecho acima, Blavatsky menciona de passagem que não há *matéria inorgânica* em nosso planeta, de acordo com a teosofia. Tudo está vivo de uma maneira ou de outra, e a vitalidade universal é onipresente, assim como a lei do Carma é onipresente.

Lendo a Aura dos Discípulos

* Como se sabe, fica claro nas Cartas dos Mahatmas que os Iniciados Orientais observam e ajudam um bom número de pessoas de boa vontade ao redor do mundo. Para refletir sobre o assunto, o leitor pode ver o artigo “[A Prática da Presença Divina](#)”.

* Além de examinar diretamente a aura de qualquer escrito que considerem interessante, os Mestres são capazes de “ler” instantaneamente a aura dos discípulos leigos. Henry Olcott escreve em seu livro “**Applied Theosophy and Other Essays**”:

* “Anos atrás - quando viemos pela primeira vez a Bombaim - HPB me contou que vários dos Mestres, estando reunidos, fizeram com que desfilassem diante deles, na luz astral, os reflexos físicos de todos os que então eram membros [*do movimento teosófico*] na Índia.[6] Ela pediu-me que adivinhasse de quem foi a imagem mais clara e iluminada. Mencionei um jovem Parsi de Bombaim, que na ocasião se destacava como um membro ativo e dedicado. Ela disse, rindo, que ao contrário, ele não era nem um pouco claro, e que o mais iluminado, no plano moral, era um senhor pobre, da região de Bengala...”. [7]

* Para fazer um progresso real em teosofia, o uso correto do magnetismo pessoal deve ser uma parte prioritária da disciplina diária do estudante.

* Acumular mera informação produz escassa vantagem, e pode ser prejudicial. A prática de estabelecer hábitos corretos gera bom magnetismo. O processo é inseparável de um amor pela ética, de um altruísmo impessoal, e da coragem de optar pela sinceridade. Uma aceitação do autossacrifício costuma estar presente, junto com um sentido de dignidade espiritual e com o *prazer interior* do autocontrole.

NOTAS:

[1] Do artigo “**A Night of Many Wonders**”, de D.A.C., publicado por HPB in *The Theosophist*, Índia, abril 1884, p. 167.

[2] Traduzido do artigo “**Hypnotism and Its Relation to Other Modes of Fascination**”, em “*Collected Writings*”, H.P. Blavatsky, TPH, volume XII, p. 403. As reticências foram colocadas por HPB. O artigo está publicado também na edição de fevereiro de 2024 de “[The Aquarian Theosophist](#)”, pp. 6-11.

[3] “**The Quimby Manuscripts**”, de Phineas Parkhurst Quimby, editado por Horatio W. Dresser, Forgotten Books, Thomas Y. Crowell Co. Publishers, 446 pp., ver pp. 32 e 33 entre outras.

[4] **Nota de HPB**: Veja “Stone Him to Death”; “Septenary Institutions”, do Capt. James Riley. Na sua “Narrativa” da sua escravização na África, ele dá exemplos de grande longevidade no Deserto do Sahara.

[5] “**Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett**”, T.U.P., Pasadena, Califórnia, primeira edição, 1925, ver edição de 1973, 404 pp., Carta CIII, ou seja, 105, p. 225.

[6] **Nota de H.S. Olcott**: Tudo o que existe na Natureza física está refletido, como num espelho, em imagens invertidas, na Luz Astral.

[7] “**Applied Theosophy and Other Essays**”, de Henry Steel Olcott, TPH, Índia, 1975, 280 páginas. Veja pp. 202-203.

Novos Itens em Nossos Websites

Este é o informe mensal da Loja Independente de Teosofistas.[1]

Dia 16 de fevereiro havia 3303 itens em nosso [acervo](#), dos quais 35 estavam em [francês](#), 1462 em [português](#), 1450 em [inglês](#) e 329 em [espanhol](#). Havia 27 em [russo](#).

Os seguintes itens foram publicados entre 19 de janeiro e 12 de fevereiro de 2024:

(Títulos mais recentes acima)

1. El Movimiento Teosófico en Internet - Carlos Cardoso Aveline
2. The Aquarian Theosophist, February 2024
3. Ideias ao Longo do Caminho - 54 - Carlos Cardoso Aveline
4. El Teósofo Acuariano 027, Febrero de 2024
5. Respiração Fortalecedora dos Nervos - Carlos Cardoso Aveline
6. Ideias ao Longo do Caminho - 53 - Carlos Cardoso Aveline
7. Ideias ao Longo do Caminho - 52 - Carlos Cardoso Aveline
8. Dos Cartas y un Texto Corto - Dora Crespo
9. O TEOSOFISTA, Janeiro de 2024

NOTA:

[1] Os websites associados incluem www.FilosofiaEsoterica.com, www.CarlosCardosoAveline.com, www.HelenaBlavatsky.net, www.TheosophyOnline.com, www.HelenaBlavatsky.org, www.TheAquarianTheosophist.com e www.RussianTheosophist.com. Visite nosso blog em "[The Times of Israel](http://TheTimesofIsrael.com)".

000

A Teosofia Direta no WhatsApp

Veja um dos grupos da Loja Independente de Teosofistas, LIT, no **WhatsApp**: <https://chat.whatsapp.com/6MB7dWbqNmx68hEzVshbHk>

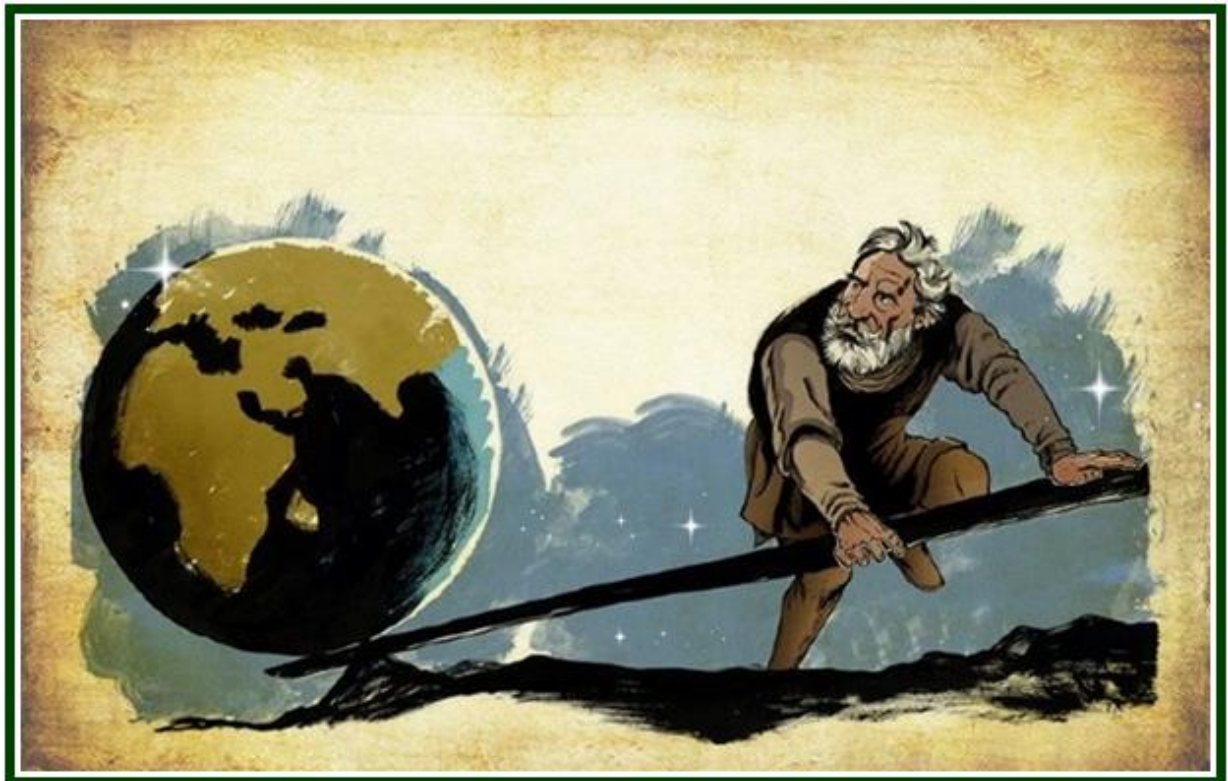
000

Visite o canal da Loja Independente de Teosofistas no [YouTube](#) e faça sua assinatura [gratuita](#).

Uma Alavanca Para Mover o Mundo



O Destino do Nosso Globo, e o Modo Eficaz de Mudá-lo



**“Dê-me uma alavanca suficientemente longa
e um lugar de apoio, e eu moverei o mundo.”**

(Arquimedes 230 A.E.C.)

É sempre fácil e agradável, no curto prazo, focar nossas mentes no que pensamos que está errado na conduta dos outros, e no mundo.

Discutir tudo o que não está certo ao nosso redor nos dá uma sensação de que nós somos corretos, e somos poderosos, e espertos. Fica de lado, assim, aquela incômoda percepção de que não estamos fazendo tudo o que podemos para viver da maneira adequada. É como se tivéssemos um álibi para postergar o nosso aperfeiçoamento. Dizemos a nós mesmos:

